

Psicanálise, segregação e questão dos povos originários brasileiros

Richard Couto

Resumo

O presente artigo visa a lançar algumas questões sobre a segregação dos povos originários brasileiros a partir do que Lacan formulou sobre a segregação e o racismo, sustentando a hipótese de que se operou e ainda se opera uma segregação dos referidos povos por meio da fraternidade. Propomos uma aposta no discurso do psicanalista para questionar tal segregação.

Palavras-chave:

Segregação; Psicanálise; Povos originários brasileiros.

Psychoanalysis, segregation and the issue of Brazilian indigenous peoples

Abstract

This article aims to raise some questions about the segregation of Brazilian original peoples based on what Lacan formulated about segregation and racism, supporting the hypothesis that a segregation of the aforementioned peoples took place and still takes place through fraternity. We propose a bet on psychoanalysts' discourse to question such segregation.

Keywords:

Segregation; Psychoanalysis; Brazilian native peoples.

Psicoanálisis, segregación y la cuestión de los pueblos originarios brasileños

Resumen

Este artículo tiene como objetivo plantear algunas preguntas sobre la segregación de los pueblos originarios brasileños a partir de lo que Lacan formuló sobre la

segregación y el racismo, apoyando la hipótesis de que una segregación de los pueblos antes mencionados tuvo lugar y todavía se produce a través de la fraternidad. Proponemos una apuesta por el discurso de los psicoanalistas para cuestionar dicha segregación.

Palabras clave:

Segregación; Psicoanalítica; Pueblos originarios brasileños.

Psychanalyse, ségrégation et question des peuples originaires du Brésil

Résumé

Cet article vise à soulever quelques questions sur la ségrégation des peuples originaires du Brésil, à partir de ce que Lacan a formulé sur la ségrégation et le racisme, en soutenant l'hypothèse selon laquelle une ségrégation des peuples susmentionnés a eu lieu et a toujours lieu à travers la fraternité. Nous proposons un pari sur le discours des psychanalystes pour questionner une telle ségrégation.

Mots-clés :

Ségrégation ; Psychanalytique ; Peuples indigènes brésiliens.

Introdução

O conceito de segregação é introduzido no campo psicanalítico por Lacan; não é propriamente um conceito freudiano, o que não quer dizer que não haja em Freud referências para se pensar a segregação. Nesse sentido, como, por exemplo, em *Psicologia das massas e análise do eu* (Freud, 1921/2013), a identificação vertical ao chefe, seja na igreja, seja no exército, pois quem não a fizesse era segregado nessas organizações. Aqui, tentaremos cingir a questão da segregação dos povos originários brasileiros, que pode ser pensada a partir da psicanálise. Para tanto, lançamos a seguinte questão: será que o povo brasileiro, ao se estabelecer como um povo, estabelecimento muito pautado no ideal do europeu colonizador, não fez operar uma segregação dos povos originários? No Brasil, produziu-se a segregação dos povos originários para se reconhecer como povo a partir da fraternidade — eis nossa formulação à guisa de hipótese, que, com as formulações de Freud e Lacan, pretendemos sustentar.

Formulações de Lacan sobre a segregação

Em Lacan, a princípio, a segregação surge para responder a três questões: (i) o laço social; (ii) a instituição psicanalítica; e (iii) o dispositivo do passe. Para nossa proposta, a questão que se apresenta refere-se ao laço social, ou seja, ao discurso tal como o postula Lacan (1969-1970/1992): “o discurso é aquilo que faz laço social”. Lacan fala da segregação em diferentes trabalhos e seminários. Em um rastreamento prévio, além do que pode ser lido em “Proposição de 9 de outubro de 1967” (1967/2003), talvez a principal referência para se falar sobre a segregação, temos a ocorrência de comentários sobre a segregação desde *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1953-1954/1994), passando por *O seminário, livro 16: de um outro ao Outro* (Lacan, 1968-1969/2008), *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*¹ (Lacan, 1971/2009), *O seminário, livro 19: ...ou pior* (Lacan, 1971-1972/2011). Outras importantes referências são as conferências dadas no Hospital Sainte-Anne, a primeira intitulada “Pequeno discurso aos psiquiatras” (Lacan, 1967), e as conferências realizadas nos anos 1971-1972, conhecidas como “O saber do psicanalista” (Lacan, 1972, inédito),² havendo referências também em “O aturdido” (Lacan, 1972/2003).

A partir do comentário que realizou em *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992) sobre o livro de Freud (1913) *Totem e tabu*, Lacan, ao comentar o assassinato do pai da horda, postula que a origem da fraternidade é a segregação; é ao se reconhecerem como irmãos que foi possível excluir o pai e matá-lo. Nesse ponto, Lacan é enfático: “só conheço uma única origem da fraternidade, falo da humana, sempre o húmus —, é a segregação” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 107). Lacan ainda nos diz que a sociedade está baseada na segregação: “na sociedade, tudo o que existe se baseia na segregação, e a fraternidade em primeiro lugar” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 107) — referência fundamental para pensar nossa hipótese.

Não há, podemos dizer a partir de Lacan, laço social sem exclusão, sem segregação, pois não existe um gozo social unificado; há várias modalidades de gozo que são constituídas e escolhidas por cada cultura. Porém, Freud ([1929] 1930/2010), em *Mal-estar na cultura*, já havia indicado que o que pode ser excluído em dado momento pela cultura em outro momento posterior pode ser tolerado e até mesmo incorporado por ela, daí o estabelecimento do direito, como instrumento do laço social, para distribuir o gozo:

1 A edição oficial da editora Jorge Zahar traduz o título do seminário da forma como está no corpo do artigo, sem a contração da preposição *de*, ou seja, sem o *do*.

2 Partes de tais conferências foi publicada no Brasil, em 2011, com o título *Estou falando com as paredes: conversas na capela de Sainte-Anne* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar).

O curso posterior da evolução cultural tende a tornar esse direito não mais a expressão da vontade de uma pequena comunidade — casta, camada da população, tribo, que novamente age como um indivíduo violento face a outros grupos talvez mais numerosos desse tipo. O resultado final deve ser um direito para o qual todos — ao menos todos os capazes de viver em comunidade — contribuem com sacrifício de seus instintos [pulsões], e que não permite — de novo com a mesma exceção — que ninguém se torne vítima da força bruta. (Freud, [1929] 1930/2010, p. 38)

Porém, há situações em que o pacto cultural parece se fragilizar, e não é à toa que Lacan nos chama a atenção para o fato de que os campos de concentração nazistas são um início de uma incrementação das formas de segregação:

Abreviemos dizendo que o que vimos emergir deles, para o nosso horror, representou a reação de precursores em relação ao que se irá desenvolvendo como consequência do remanejamento dos grupos sociais pela ciência, e, nominalmente, da universalização que ela ali introduz. (Lacan, 1967/2003, p. 263)

Lacan também expõe o horror do campo de concentração, indicando que as formas de segregação deveriam nos causar pavor, porém podemos dizer, com ele, que as formas de segregação serão cada vez mais sofisticadas, e sua violência, mais sutil, fazendo com que nem sempre tais formas causem horror; pelo contrário, sejam até defendidas, de maneira descarada. Possivelmente, a sutileza e a sofisticação para se segregar encontram respaldo no discurso científico, pois a segregação se fez a via única do discurso científico para tratar a diferença (Soler, 1994/1998).

Temos, então, uma ênfase importante a fazer. Lacan nos esclarece que tanto a prática quanto os efeitos de segregação são oriundos do discurso científico, mas, em *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), a segregação está na origem de todo discurso: “É logo depois de ter situado a prática de segregação e os efeitos de segregação que Lacan introduz um modo da segregação que, longe de ser efeito do discurso da ciência, é situado como origem, princípio de todo discurso” (Askofaré, 1999/2009, p. 347).

Lacan (1971/2009), em *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, traz uma contribuição fundamental sobre a segregação, pois mostra que nem sempre é necessário existir uma ideologia que pregue uma superioridade racial, tal como ocorreu com o nazismo. É apenas suficiente que se tenha e se reconheça um mais-de-gozar para que o racismo se estabeleça: “Mas o que convém dizer, simplesmente, é que não há nenhuma necessidade dessa ideologia para que se constitua um racismo: basta um mais-de-gozar que se reconheça como tal”

(Laca, 1971/2009, p. 29). Ou seja, basta colocar o outro no lugar de objeto dado ao gozo, objeto que pode ser vilipendiado, rebaixado, explorado, sem que se levem em consideração sua subjetividade, sua humanidade, como bem demonstra o sistema de *plantation* na América Central, na América do Norte e na América do Sul no período colonial, nas quais a humanidade do escravo estava reduzida a uma sombra, e ele pertencia ao senhor:

No contexto da *plantation*, figura-se a natureza humana do escravo como uma sombra personificada. De fato, a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um “lar”, perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político. Essa perda tripla equivale a dominação absoluta, alienação ao nascer e morte social (que é expulsão da humanidade). Enquanto, como estrutura político-jurídica, a *plantation* é o espaço em que o escravo pertence a um senhor. (Mbembe, 2003/2018, p. 27)

Não queremos aqui dizer que segregação e racismo são sinônimos, ou mesmo que são equivalentes, pois se pode ter práticas segregativas que não são racistas — por exemplo, a segregação sexual —; contudo, parece-nos que não há racismo sem segregação. A articulação da segregação com o racismo permite demonstrar a sutileza das práticas segregativas engendradas por meio do mais-de-gozar, pois a questão da raça está intimamente articulada com a lógica de curral:

Historicamente, a raça sempre foi uma forma mais ou menos codificada de divisão e organização das multiplicidades, fixando-as e distribuindo-as dentro de uma hierarquia e repartindo-as dentro de espaços mais ou menos estanques — a lógica do curral. Foi o que ocorreu sob os regimes de segregação. (Mbembe, 2013/2018, p. 74)

No que se refere aos povos originários, a desumanização e a dessubjetivação se fizeram presentes pela escravização na época da colonização e hoje se fazem pela segregação e pelas tentativas de extermínio, a fim de se ter mais terras para pastos, para plantio de monoculturas, para exploração da madeira, para garimpo. A segregação dos povos originários se faz ao transformá-los em objetos-dejetos que podem ser exterminados para fabricação dos mais-de-gozar empreendidos pelo capitalismo: “O genocídio dos povos da floresta se alimenta do holocausto de toda a vida, num movimento que reverbera os pensamentos imortais do filósofo Ailton Krenak: o destino do capitalismo é devorar tudo o que há” (Ribeiro, 2023).

A segregação dos povos originários não se efetiva sem o racismo, pois há um processo de racialização dos povos originários desde a chegada do colonizador. Podemos ousar dizer que os povos originários brasileiros são segregados porque

seus corpos, suas culturas e seus territórios se fazem mais-de-gozar para o capitalismo neoliberal, como Lacan tão bem antecipou e nos advertiu:

Quem se interessar um pouco pelo que poderá advir fará bem em dizer a si mesmo que todas as formas de racismo, na medida em que um mais-de-gozar é perfeitamente suficiente para sustentá-las, são o que está agora na ordem do dia, são o que nos ameaça quanto aos próximos anos. Vocês compreenderão melhor a razão disso quando eu lhes disser o que a teoria, o exercício autêntico da teoria analítica, nos permite formular quanto ao que se passa com o mais-de-gozar. (Lacan, 1971/2009, p. 29)

A partir do que Lacan nos indica, podemos dizer que o que faz nossa cultura ser marcada pela segregação é o fato de o discurso do capitalista e o discurso da ciência tenderem a universalizar, por meio de um engodo, que todos têm o mesmo acesso ao gozo: “nosso futuro de mercados comuns encontrará seu equilíbrio numa ampliação cada vez mais dura dos processos de segregação” (Lacan, 1971/2009, p. 263). Isso produz segregação, pois nem todos têm esse acesso, e essa é a denúncia feita por Marx (1867/2017) em suas análises de *O capital*, razão pela qual Lacan o considera o inventor do sintoma social em razão de a massa de proletários contradizer o universal do capitalismo, como observa Leguil (1998, p. 13): “a segregação faz sintoma de um discurso que é necessariamente um discurso de segregação”. Comparando o sintoma social ao sintoma neurótico, Leguil ainda nos diz que tanto no sintoma neurótico quanto no sintoma social há uma covardia diante do real, ou seja, o sintoma da segregação “é uma abjeção da coletividade diante de um real” (Leguil, 1998, p. 14). Eis o ponto a ser questionado. Para atender ao ideal europeu, que está na lógica do capitalismo neoliberal, a segregação e o racismo dos povos originários brasileiros se efetivam e se incrementam, mas não só, pois há aquilo que Lacan (1972/2003) denominou em “O aturdido” racismo dos discursos, pois é pelos discursos que os lugares simbólicos são estabelecidos:

Pois não é por aí, como se viu por uma tentativa grotesca de fundar nisso um Reich dito terceiro, não é por aí que se constitui raça alguma (nem tampouco por esse racismo, na prática). Ela se constitui pelo modo como se transmitem, pela ordem de um discurso, os lugares simbólicos, aqueles com que se perpetua a raça dos mestres/senhores e igualmente dos escravos (...). (Lacan, 1972/2003, p. 462)

Ou seja, os discursos perpetuam tais lugares. Qual é o lugar simbólico dos povos originários no que se refere à composição do povo brasileiro? Levantamos a hipótese de que é o da segregação, incrementada pelo racismo.

Lacan (1971-1972/2011), em *O seminário, livro 19: ...ou pior*, adverte-nos, de uma forma bem direta e realista, que ouviremos falar muito sobre o racismo, pois ele está enraizado na fraternidade do corpo:

Já que é preciso, de qualquer modo, não lhes pintar unicamente um futuro cor-de-rosa, saibam que o que vem aumentando, o que ainda não se viu suas últimas consequências, e que, por sua vez, se enraíza no corpo, na fraternidade do corpo, é o racismo. Vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele. (Lacan, 1971-1972/2011, p. 227)

Impressiona o fato de que em muitas ocasiões nas quais Lacan falou sobre a segregação e o racismo foi em tom de advertência, pois se deveria prestar mais atenção, horrorizar-se com tais fatos: “não vai demorar muito, talvez quatro ou cinco anos, estaremos mergulhados em problemas de segregação, que serão fustigados com o termo racismo” (Lacan, 1971-1972/2011, p. 36). Lacan (1967) ainda chama atenção, em “Pequeno discurso aos psiquiatras”, que a segregação não mostraria sua face de imediato; contudo, em nossos dias, ela se mostra sem pudor.

O discurso do psicanalista: uma aposta, uma saída?

Em virtude da clínica, podemos fazer valer a tese psicanalítica de que o laço social somente se efetiva se há a possibilidade de o sujeito se situar em um discurso, sustentando sua posição no discurso, e não estando somente assujeitado a ele:

(...) a segregação é perfeitamente o que se escreve do discurso do mestre, do poder que faz autoridade. Vocês mobilizam um saber sobre o que classifica as coisas e as pessoas e essa simples intervenção de um poder sobre um saber expulsa o que é heterogêneo ao significante e que é o objeto. (Leguil, 1998, p. 13)

A segregação expulsa o que é heterogêneo, porque incide sobre o gozo, sobre a possibilidade de um gozo diferente, ou seja, há uma rejeição da diferença de gozo; não é necessária a constatação de tal diferença, basta sua suposição:

A lógica segregacionista procede de uma rejeição da diferença de gozo, do gozo do Outro enquanto se está separado dele. Do outro lado do muro, a existência do meu próximo poderia ser então fantasiada como rival, sempre suspeito de ter arrebatado o meu gozo e, ou, de querer impor-me o seu. (Bernard, 2021/2023, p. 114)

Podemos acrescentar a fantasia de que o próximo tem acesso a um gozo melhor, portanto insuportável, ao ponto de se eliminá-lo, proibi-lo, para impor um gozo mais familiar; por exemplo, a imposição da monogamia pelos missionários da Igreja Católica, no início da invasão colonial portuguesa, aos povos originários que não mantinham laços amorosos monogâmicos (Núñez, 2023).

A psicanálise pode possibilitar questionamentos da dimensão política, não para colocá-la em detrimento, mas para fornecer meios de não se cair na posição de saber ou na burocracia, pois a clínica dá lugar ao sujeito; o discurso do psicanalista coloca de fato o sujeito no lugar do outro, da alteridade. Assim, o discurso do psicanalista pode também questionar a segregação, promovendo outro modo de inclusão, que possibilita ao sujeito se inscrever no laço social e de sustentação da diferença:

O analista deve se opor ao calafrio, ao calabouço e ao cala-boca e lutar com o discurso do analista pela diversidade, pelo debate *versus* o embate, pela livre associação de pessoas e ideias, pela transmissão da memória e pelo sujeito do desejo que é sujeito da história e do direito. (Quinet, 2021, p. 122)

Isso nos coloca na trilha aberta por Freud, pois ele, em seu texto intitulado *Caminhos da terapia psicanalítica* (Freud, [1918] 1919/2017), adverte que a psicanálise não pode ser segregadora, quando nos diz que “pude ajudar pessoas com quais não tinha qualquer laço de raça, educação, posição social ou visão de mundo, sem incomodá-las em suas peculiaridades” (Freud, [1918] 1919/2017, p. 199). O texto de Freud serve como referência para o trabalho do psicanalista nas instituições de saúde mental, em assistência social, mas também na justiça, na educação, entre outros locais, pois é no citado texto que ele defende que a população pobre, desprovida de recursos, precisa ter acesso ao tratamento psicanalítico, ao cuidado em saúde mental. O texto de Freud não é só um texto teórico clínico, é uma convocação para os psicanalistas não ficarem restritos a seus consultórios particulares, mas se inserirem em instituições públicas, criarem instituições que possam ofertar tratamento e cuidado às pessoas que não podem pagar por um tratamento. Diante do exposto, cabe aqui fazer um esclarecimento sobre uma expressão usada por Freud em tal texto. Citemo-la:

Muito provavelmente também seremos obrigados, ao utilizarmos a nossa terapia com as massas, a fundir o ouro puro da análise em grande medida com o cobre do sugestionamento direto, e também o influenciamento hipnótico poderia encontrar o seu lugar ali, assim como no tratamento dos neuróticos de guerra. (Freud, [1918] 1919/2017, p. 202)

Em algumas leituras, a expressão *ouro puro* da análise é confundida com uma suposta pureza, mas o que está em jogo é que essa expressão remete à arte da ourivesaria. Quando se mistura o ouro com o cobre, o que se tem é uma maior solidez do ouro, é o chamado ouro vermelho. Outro ponto, mais sutil, é a ironia de Freud: “o ouro da psicanálise aponta a fantasia de pureza que Freud já sabia detectar em alguns de seus colegas” (Gabarron-Garcia, 2021/2023, p. 19).

Podemos supor que uma questão surge quando falamos do discurso do psicanalista: se todo discurso produz segregação, o discurso do psicanalista também poderia produzir efeitos de segregação? Qual é a diferença entre tal discurso e os demais discursos? Como na psicanálise o sujeito está sempre em questão e sua clínica se orienta pela singularidade do sujeito, pelo um a um, o discurso do psicanalista consegue escapar à segregação. Além disso, o discurso do psicanalista não adere à ideologia igualitária, também não estabelece o Um para todos. Com essa particularidade, é um recurso contra a segregação. Por isso, podemos apostar na psicanálise para operar a partir do não saber para escutar os povos originários, aprender a escutar com eles, com os agentes de saúde indígena, com o conhecimento de suas culturas. Aqui, sustentamos nossa aposta no livro *Além da psicologia indígena: concepções mesoamericanas da subjetividade* (Pávon-Cuéllar, 2022). A psicologia é colonial e realizou seus estudos sobre os povos originários das Américas a partir do discurso universitário, fazendo tais povos de objeto de estudo. Com a psicanálise, é possível escutá-los, afinal os povos originários fazem suas transmissões culturais pela fala, depositam a força de suas tradições nos poderes da fala, tal como a psicanálise, pois Lacan nos fez observar “que a fala tem aqui todos os poderes, os poderes especiais do tratamento” (Lacan, 1958/1998, p. 647). A psicanálise, ao contrário da psicologia, opera pelo não saber, e assim pode construir um saber, aprender a saber sobre os povos originários, mas a partir do que tais povos têm a falar.

Considerações finais

Não queremos dizer que não houve e não haja outras segregações, como verificamos com os negros, porém levantamos a hipótese, com Lacan, de que houve uma segregação primária, não com os negros, que também eram estrangeiros, mas, para o ideal do colonizador europeu e cristão se consolidar, a segregação deveria operar sobre aqueles que aqui já estavam e foram invadidos e exterminados. Tal segregação que produz efeitos até hoje, pois os povos originários continuam sendo exterminados, desapropriados de suas terras, vistos como um povo sem direitos, mesmo com a Constituição de 1988 os garantindo. Retomando a relação entre segregação e racismo, podemos dizer que um dos efeitos mais bem estabelecidos da segregação dos povos originários é justamente a desconsideração de que há racismo para com os povos originários, e tal fato se deve, em boa parte, aos pesquisadores das universidades brasileiras, como esclarece a citação a seguir:

O que ficou evidente desde a primeira roda de conversa foi que, se para muitos acadêmicos de instituições brasileiras a violência contra populações indígenas não deve, ou não precisa, ser descrita como racismo, para os participantes indígenas do encontro não havia a menor dúvida de que sofrem e vêm sofrendo racismo desde a chegada dos europeus ao continente, racismo que se estende também, é preciso dizer, à forma como são tratados pela universidade. (Milanez, Sá, Krenak, Cruz, Urbano, & Patachó, 2019, p. 2.170)

Nossa questão é que essa ignorância, esse não querer saber, não se fez presente só nas universidades, mas também na justiça, na saúde e nas instituições psicanalíticas. A questão do racismo contra os povos originários somente foi posta em discussão com a entrada de sujeitos oriundos de tais povos nos debates e nas universidades, produzindo pesquisas que demonstraram e vêm demonstrando o racismo sofrido pelos povos originários (Ribeiro, 2023). Portanto, é preciso que a psicanálise possa ser ofertada também aos sujeitos oriundos e/ou descendentes dos povos originários, para que o debate sobre o racismo contra esses tenha uma contribuição fecunda da psicanálise, pois, se está havendo um rompimento com as marcas coloniais presentes na sociedade brasileira, a psicanálise tem como contribuir a partir do que Lacan trouxe como crítica ao colonialismo, ao nos esclarecer que o racismo era uma indústria fundamental do império colonial britânico, além de mostrar que o colonialismo está na lógica do racismo, como também realiza uma imposição da imagem do outro:

O colonialismo constitui para Lacan o paradigma da lógica do racismo, razão pela qual retornou a ele ao longo de seu ensino. Os desejos de triunfo do eu fornecerão a matriz para o triunfo das nações. O colonialismo revela essa tendência do ser falante de querer impor ferozmente sua imagem e, portanto, seu bem ao outro, e assim destruir sob o manto de ideais o que constituía sua alteridade. (Bernard, 2021/2023, p. 108)

A imagem imposta aos povos originários é a do branco europeu colonizador, somada a outro ideal, a saber, o ideal do branqueamento, que não deixa de ter relação com o mito da democracia racial brasileira, que sustenta que o brasileiro não é racista: “A ideia de que o brasileiro não é racista, mas que há racismo, fundamenta-se no mito da democracia racial, segundo o qual o Brasil seria o paraíso racial de relações harmoniosas” (Milanez, Sá, Krenak, Cruz, Urbano, & Patachó, 2019, p. 2.167).

Há também toda uma gama de palavras e expressões pejorativas, como “programa de índio”, “índio é preguiçoso”. Outro ponto é que, por muito tempo, os

estados da região Norte do país foram tratados como se não fizessem parte do Brasil. Tais estados não eram citados nem mesmo na previsão do tempo dos jornais televisivos há alguns anos. Seus problemas, suas mazelas, seus sofrimentos não eram reportados, ou seja, eram segregados geográfica e simbolicamente. Tivemos, recentemente, a tragédia com os Yanomamis, e, por mais que as imagens falassem por si, houve nas redes sociais pessoas que relativizaram e defenderam os garimpeiros invasores. Por mais que tenha havido o esforço de Darcy Ribeiro (1995/2002), ao publicar o livro *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil*, além dos trabalhos de Roberto DaMatta, dos irmãos Villas-Bôas, de Ailton Krenak, a segregação ainda se faz presente e forte.

O discurso do psicanalista, ao fazer com que os discursos circulem e ao tornar presente o discurso da histórica na instituição, nos dispositivos, tem como fornecer meios para que os sujeitos possam se colocar não como comandados, nem como puro e simples objeto, mas como agentes que podem, a partir de seus questionamentos, contribuir para o avanço, para que haja laço social não tão segregador e que possa sustentar de fato a garantia e o reconhecimento dos direitos dos povos originários brasileiros. Direitos que são frutos do pacto cultural e/ou civilizatório, direitos que só foram colocados em debate depois que a Europa jogou o mundo na Segunda Guerra Mundial, ou seja, só depois que os europeus e os norte-americanos experienciaram em suas terras aquilo que já praticavam em suas colônias, como mostra Freud em “Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte” (1915/2020) e “Por que a guerra?” (1933/2020). O campo de concentração não é uma invenção nazista, é colonial. Os nazistas o aprimoraram e o fizeram funcionar em escala industrial. Portanto, sustentar os direitos dos povos originários no laço social é uma forma de assegurar que não se repita e se perpetue o extermínio que se faz desde a invasão portuguesa, pois a psicanálise ensina que é preciso lembrar e elaborar para não repetir.

Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2009, julho/dezembro). Aspectos da segregação. *A Peste*, São Paulo, 1(2), 345-354. (Trabalho original publicado em 1999)
- Bernard, D. (2023). Racismo interpretado. In C. Soler (Org.), *2021: Lacan no presente* (1a ed.). Rio de Janeiro: Atos e Divãs, Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro. Coleção Kalimeros. (Trabalho original publicado em 2021)
- Freud, S. (2010). *Mal-estar na cultura*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Freud, S. (2013). *Totem e tabu: algumas correspondências entre a vida psíquica dos selvagens e a dos neuróticos*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1912-1913)

- Freud, S. (2013). *Psicologia das massas e análise do eu*. Porto Alegre: L&PM. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2017). Caminhos da terapia psicanalítica. In S. Freud. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. (Trabalho original publicado em 1919 [1918])
- Freud, S. (2020). Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo horizonte: Autêntica. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2020). Por que a guerra? In S. Freud. *Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos*. Belo horizonte: Autêntica. Coleção Obras incompletas de Sigmund Freud. (Trabalho original publicado em 1933)
- Gabarron-Garcia, F. (2023). *Uma história da psicanálise popular*. São Paulo: Ubu Editora. Coleção Explosante. (Trabalho original publicado em 2021)
- Lacan, J. (1967). *Petit discours aux psychiatres de Sainte-Anne*. Recuperado em 3 de fevereiro, 2024, de <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1967-11-10.pdf>
- Lacan, J. (1972). *O saber do psicanalista*. Inédito.
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1994). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: de um outro ao Outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1968-1969)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2011). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Leguil, F. (1998). Formas de desencontro: segregação, solidão, amor. *Curinga*, (11), 44-55.
- Marx, K. (2017). *O capital*. São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1867)

- Milanez, F., Sá, L., Krenak, A., Cruz, F., Urbano, E., & Patachó, G. (2019). Existência e diferença: o racismo contra os povos indígenas. *Revista Direito e Práxis* 10(03), 2.161-2.181.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica*. São Paulo: n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 2003)
- Mbembe, A. (2018). *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 Edições. (Trabalho original publicado em 2013)
- Núñez, G. (2023). *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Paidós.
- Pávon-Cuéllar, D. (2022). *Além da psicologia indígena: concepção mesoamericana da subjetividade*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 2021)
- Quinet, A. (2021). *A política do psicanalista: do divã à pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs.
- Ribeiro, D. (2002). *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil* (2a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1995)
- Ribeiro, R. B. (2023). Racismo contra os povos indígenas: principais agentes e formas de manifestação (de 2003 a 2022). *SciELO Preprints*. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.7016>
- Ribeiro, S. (2023, 23 de outubro). O problema não indígena. *Samaúma: Jornalismo do Centro do Mundo*.
- Soler, C. (1998). Sobre a segregação. In L. Bentes & R. F. Gomes (Org.), *O brilho da (in)felicidade*. Rio de Janeiro: Contra Capa. Coleção Kalimeros. (Trabalho original publicado em 1994)

Recebido: 01/06/2023

Aprovado: 15/06/2023